

# Os Exames Imperiais Chineses na Perspectiva do Padre Álvaro Semedo

ZHANG MINFEN\*

O jesuíta português Álvaro Semedo (1585-1657), que viveu mais de trinta anos no Império chinês durante a dinastia Ming, transmite-nos, na sua obra *Relação da Grande Monarquia da China*, um retrato muito favorável e idealizado do sistema de exames da China em meados do século xvii. Nela expressa abertamente a sua grande admiração pelo seu sistema de selecção de mandarins letrados através de exames públicos e imparciais, que não estabelecia qualquer distinção entre ricos e pobres, perante as oportunidades de obter cargos oficiais.

Em primeiro lugar, elogia abertamente a séria vocação para os estudos demonstrada pelos chineses, mesmo os de mais tenra idade. Nota o papel importante da educação moral, dos bons costumes e do princípio da obediência filial, porque “na China, onde quem gozar de má fama nisso, não pode ser admitido ao exame”.<sup>1</sup> Salienta o grande significado da leitura silenciosa, da prática da escrita e da composição no âmbito dos tradicionais estudos chineses. Na expressão de Semedo, os chineses estudavam tão rigorosamente que não lhes era permitido qualquer entretenimento



ou recreio, sublinhando o método de estudo, *beishu* 背书,<sup>2</sup> para que “se não socorram com os olhos da ajuda do compêndio.”<sup>3</sup> Para o jesuíta português, os chineses prestavam muita atenção à prática da escrita e da composição para se adaptarem ao sistema de exames. Estudavam apenas os *Quatro Livros*<sup>4</sup> e os *Cinco Clássicos*,<sup>5</sup> porque as perguntas dos exames se relacionavam somente com estes livros.

Segundo Semedo, os chineses não estudavam em escolas ou universidades, antes eram educados por professores particulares contratados para lhes transmitirem não só os conhecimentos científicos, como também os ritos e os bons costumes, uma vez que todos os letrados tinham de manter boa reputação, sob pena de se verem impedidos de se candidatarem aos exames. Pode-se concluir que, naquela época, tudo o que os letrados faziam estava relacionado com os exames imperiais, porque estes eram “a coisa de maior importância desse reino, porque deles dependem os graus; destes, os cargos públicos; e, dos cargos públicos, as honrarias e os proventos”.<sup>6</sup> Portanto, não é exagero afirmar-se que os letrados da China feudal viviam apenas para os exames, nada mais sabendo fazer e a nada mais se dedicando. Especialmente os de famílias pobres consideravam o estudo como a única via para ascenderem socialmente, de forma a poderem alterar o seu próprio destino e o da sua família, como muito bem afirmou o imperador Zhenzong 真宗 (968-1022) da dinastia Song do Norte (960-1127):

\*张敏芬 Concluiu, em 2000, o Mestrado em Língua e Cultura Portuguesas (variante de História) na Universidade de Macau. Licenciada em Língua e Literatura Portuguesas pela Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, onde lecciona Português.

M.A. in Portuguese Language and Culture (History) from the University of Macau, 2002. Graduate in Portuguese Language and Literature from Shanghai's University of International Studies, where she currently teaches Portuguese.

“Nos livros há casas douradas, nos livros há milhares de cereais, nos livros há meninas com cara de jade, nos livros há uma grande quantidade de coches. Um rapaz, que queira ser alguém, dedica-se aos clássicos, encara a janela e lê.”<sup>7</sup>

Com base na sua capacidade de observação minuciosa e num conhecimento profundo da língua chinesa, obtido ao longo de muitos anos de estudo, Semedo, apresenta-nos uma descrição detalhada dos exames imperiais de três graus que se realizavam no século xvii, destacando o seu complicado processo e o seu alargado conteúdo, assim como os procedimentos para evitar fraudes e o tratamento de que os letrados gozavam depois de terem alcançado o grau. O jesuíta português apresenta de forma correcta e minuciosa os exames de três graus da China feudal, sendo um dos europeus que primeiro traduziu directamente os títulos de *xiucaí* 秀才,<sup>8</sup> *juren* 举人,<sup>9</sup> e *jinsshi* 进士<sup>10</sup> para bacharel, licenciado e doutor, respectivamente.

“São três os graus: *sieucaí*, *kiugin*, e *cinfu* e, para compreendermos, podemos dizer que a seu modo correspondem aos nossos de bacharéis, licenciados e doutores.”<sup>11</sup>

Descreve-nos como se faziam os exames, especialmente o *xiangshi* 乡试,<sup>12</sup> exame para a obtenção do grau de licenciatura. Mostra-se muito interessado e curioso em relação ao *gongyuan* 贡院,<sup>13</sup> não poupando palavras para descrever a sua grandeza e majestade.

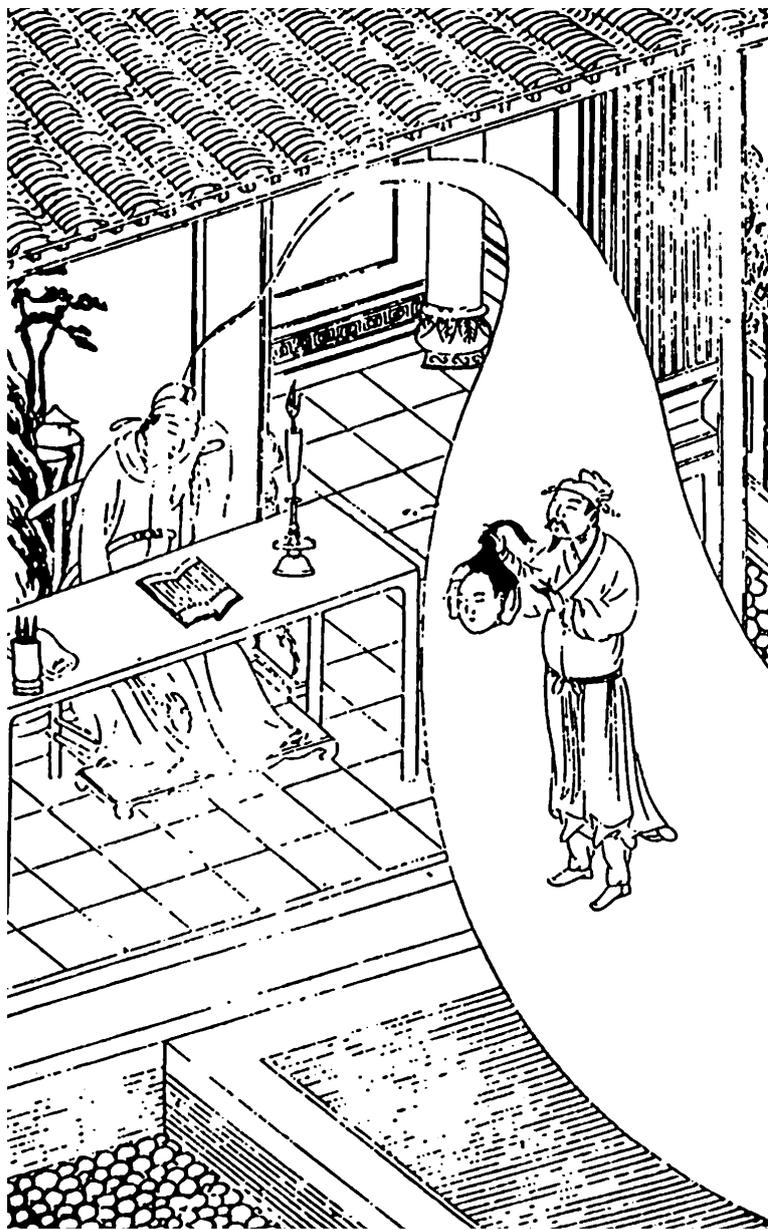
Nas palavras de Semedo, os exames eram um assunto muito sério e da maior importância, porque os examinandos eram vigiados não só pelos examinadores como ainda por “capitães e soldados”. Além disso, ao entrarem, eram rigorosamente revistados, obrigados a “trazerem o cabelo solto até baixo, as pernas nuas, com sapatos feitos de corda, o fato sem simulações ou pregas de qualquer espécie”.<sup>14</sup> Semedo refere ainda que se lhes fosse encontrado qualquer papel, imediatamente seriam excluídos. Menciona também o “sistema de anonimato”, adoptado no exame dos licenciados para evitar as fraudes e a corrupção:

“Os examinandos são obrigados a fazer duas cópias, sendo uma firmada com o seu próprio nome e os paelidos do pai e do avô, acompanhados de um pseudónimo que cada uma escolhe, bem como os anos da sua idade. Esta cópia é fechada, escrevendo-se na parte de fora, apenas o pseudónimo. As cópias abertas são imediatamente entregues às autoridades

que, para este fim, foram nomeadas e que vão saindo. As fechadas são guardadas, segundo a sua ordem numérica, em lugar determinado e as abertas entregues aos escreventes, que as copiam com letra encarnada, para que a própria não seja reconhecida...”<sup>15</sup>

Este “sistema de anonimato” – *mifeng tenglu zhidu* 弥封誊录制度 – teve início na dinastia Song

Sonhar enquanto estuda para os exames, in Gu Dingchen 顧鼎臣 e Gu Zuxun 顧祖訓, *Ming Zhuangyuan Tukai* 明狀元圖考 (Registo Ilustrado dos Eméritos na Dinastia Ming), edição de 1607.



## HISTORIOGRAFIA

do Norte, constituindo a reforma mais importante efectuada no sistema de exames durante esta dinastia. A dinastia Ming continuou a utilizá-lo com o objectivo de aperfeiçoar o sistema de exames imperiais, evitar a corrupção e a fraude que eram cada vez mais frequentes e, assim, mostrar a imparcialidade destes exames, como refere Semedo.

Ainda segundo Semedo, depois do exame seguiam-se cerimónias e banquetes luxuosos, ficando os laureados “imediatamente importantes, honrados e ainda venerados”.<sup>16</sup> Porém, o jesuíta português manifesta algumas dúvidas sobre a possibilidade de ficarem “logo ricos” depois de terem conseguido o grau:

“Já não põem mais o pé em terra, pois que, se lhes faltarem cavalos, sobram-lhes as liteiras. E não somente o graduado mas toda a sua família muda de situação, pensando em comprar as vizinhas e erigir palácios.”<sup>17</sup>

Semedo confessa-se um pouco confuso pela mudança súbita de situação económica dos laureados e da respectiva família. Como muito bem notou o famoso escritor chinês Wu Jinzi 吴敬梓(1701-1754) na sua obra *Rulin Waishi* 儒林外史 (História dos Literatos), ao escrever que, depois de Fan Jin conseguir o grau de *juven*, muitas pessoas foram visitar “o novo Senhor Fan”:

“Daí em diante muitas pessoas foram lisonjeá-lo: algumas dão-lhe terras cultivadas, outras oferecem-lhe lojas e casas e, de algumas famílias pobres, o casal vem para prestar serviço. Passados dois ou três meses, Fan Jin possuía já criados e criadas, além de dinheiro e arroz.”<sup>18</sup>

É fácil perceber, pois, por que tantos letrados levavam toda a vida nos exames imperiais e na obtenção de graus literários. Ainda na *Rulin Waishi*, o senhor Ma Er afirma: “Se o mestre Confúcio vivesse hoje, teria de dedicar-se às prosas e aos exames imperiais; de outro modo, como podia obter um cargo no governo?”<sup>19</sup>

Semedo elogia o respeito do governo chinês pelo conhecimento, pelos professores, pelos literatos, mesmo por aqueles que não possuíam graus:

“Dos simples estudantes sem graus não se faz caso nem têm qualquer privilégio senão o serem tratados como nobres e assim os respeita o povo como lustre das suas terras”.<sup>20</sup>

Realça ainda que “tão estimado é o saber entre eles, que sabem apreciar aqueles que merecem a verdadeira estima.”<sup>21</sup> Para Semedo, os chineses respeitavam os professores durante toda a vida: “não

lhes faltam, em tempo devido, com presentes e, quando passam de grau e são promovidos a cargos mais elevados, fazem-lhes favores e benefícios importantes.”<sup>22</sup> Escreve também que Alexandre da Macedónia dissera que se devia mais aos mestres que ensinavam do que aos pais que procriavam, mas que só na China é que tal dívida era compreendida e se pagava.

Semedo refere-se também a Confúcio, que “não somente o têm por santo, mestre e doutor do reino como o que dele se cita é estimado como coisa sagrada, além de existir, em todas as cidades do reino, templos, públicos, onde é reverenciado, com muitas cerimónias em dias marcados...”<sup>23</sup>

Confúcio era reconhecido como mestre de todos os graduados:

“nos anos dos exames, uma das principais cerimónias é irem os novos graduados todos juntos prestar-lhe reverência e reconhecê-lo por mestre.”<sup>24</sup>

Pode-se verificar no relato de Álvaro Semedo que a posição social dos letrados era bastante alta e importante, porque, ao falar da nobreza chinesa, afirma que a primeira nobreza era a do rei, príncipes, infantes e toda a família real; a segunda ordem de nobreza era a dos titulares, porém, “inferiores a muitas autoridades letradas.”<sup>25</sup> A terceira classe era constituída por todos os que administravam ou já tinham administrado o governo do reino, ou oficiais de guerra. O missionário jesuíta acrescenta que desta classe não eram excluídos aqueles que, se bem que não exercessem funções governativas, já tinham governado ou estavam para entrar no governo, visto que todos eram graduados, “isto é, doutores, licenciados e bacharéis. Em resumo, toda esta classe é constituída por letrados”.<sup>26</sup> Curiosamente, observa Semedo, os estudantes sem graus também eram tratados como nobres no Império chinês:

“A quarta é a dos estudantes que apesar de não terem ainda alcançado o grau, só pelo facto de serem estudantes e estarem em via de poderem alcançá-lo, são tratados como nobres...”<sup>27</sup>

O padre Álvaro Semedo sentia uma imensa admiração pela política seguida pelo governo chinês de entregar a administração a mandarins letrados com elevado grau académico, algo de muito diferente do que passava na Europa, onde o poder estava apenas na mão da aristocracia e onde as pessoas comuns muito raramente tinham oportunidade de exercer

ofícios no governo, muito menos os mais favorecidos. Em termos de organização do Estado, descreve-nos uma verdadeira “república das letras”, um país governado por um imperador absoluto, mas bondoso e poderoso, que não só se comportava de acordo com os regulamentos políticos e morais estipulados pelos clássicos confucionistas como também nomeava os letrados que tinham sido aprovados nos exames imperiais e sabiam bem como administrar o Estado:

“Acabadas essas solenidades tratam os graduados de passar logo para a corte para se doutorarem e, se quiserem governar, são logo providos.”<sup>28</sup>

Visto que todos os letrados que administravam o Estado eram nomeados pelo próprio imperador, Semedo não poupa palavras para elogiar os imperadores. Em primeiro lugar, enaltece a alta qualidade moral dos primeiros imperadores chineses:

“Ora este imperador Yao 尧, sem se importar com a sucessão natural e legítimo do seu filho, deixou o império a Xun 舜, seu genro, por ter descoberto nele justiça e virtude para governar. Xun passou, igualmente, pelo mesmo motivo, o império a Yu 禹<sup>29</sup> que nada lhe era.”<sup>30</sup>

Ao falar dos imperadores da dinastia Ming, louva o seu primeiro imperador:

“vendo-se Hum vu<sup>31</sup> senhor absoluto de todo o território, instituiu um admirável governo [...]. Este rei fez, em primeiro lugar, muitas mercês a todos, pois, a liberalidade é uma das maiores demonstrações do ânimo real.”<sup>32</sup>

Diz ainda que ele “não anulou as leis antigas respeitantes ao bom governo e não impediu o seu objectivo que era somente de perpetuar a monarquia nos seus descendentes. Introduziu, porém, muitas coisas novas”.<sup>33</sup> Por isso, Semedo conclui que os imperadores, “não obstante ficarem atrás de nós a respeito das coisas de fé, se adiantam, no entanto, nas das virtudes morais”.<sup>34</sup>

O que mais impressionou e admirou Semedo foi o sistema imparcial de nomeação de mandarins utilizado pelo imperador, que entregava

“toda a administração aos letrados, que são feitos por meio de concurso como se disse quando se tratou dos exames, sem dependência alguma dos magistrados até do próprio rei, mas somente do seu saber, boa linhagem e virtudes.”<sup>35</sup>

Salienta ainda que “proibiu, por leis rigorosas, que ninguém da família real, nem durante a guerra, nem



Ébrio, na cela para o exame, in Gu Dingchen e Gu Zuxun, *Ming Zhuangyuan Tukao*, edição de 1607.

em paz, nem em caso algum poderia exercer cargos na república, quer civis, quer criminais, quer na milícia”.<sup>36</sup> Numa palavra, elogia a organização do governo e o sistema político chineses, descrevendo a China como um paraíso ideal para viver, uma sociedade de leis justas que era administrada por um grupo de letrados confucionistas nomeados por um imperador poderoso e respeitados por todos os seus súbditos.

Contudo, a realidade, naquela altura, não era assim tão positiva e ideal como Semedo a descreve. Na altura em que Semedo vive na China aproxima-se o final da dinastia Ming. O império chinês apresentava-se muito brilhante no aspecto cultural, enquanto entrava em decadência política. O imperador não governava, não dava audiências, não desenvolvia actividades governativas:

## HISTORIOGRAFIA

“Livrando-se do limite de Zhang Juzheng 张居正,<sup>37</sup> o imperador Wanli (1563-1620) entregava-se cada vez mais aos prazeres, cada dia mais farto de administrar o país. Depois do dia 15 de Setembro do 14.º ano do reinado (1586), não voltou à Corte durante vários dias seguidos, paralisando os debates diários sob pretexto de ter tonturas.”<sup>38</sup>

Além disso, os imperadores da dinastia Ming confiavam sobremaneira nos eunucos, em quem recaíam cada vez mais funções governativas.

“Os eunucos, encabeçados por Wei Zhongxian 魏忠贤,<sup>39</sup> depois de conseguirem a confiança do imperador, procuraram obter o poder imperial e conluiaram-se com os burocratas fora da Corte no sentido de controlarem todo o poder do Império. Os eunucos passaram a monopolizar o poder imperial, constituindo uma forte influência perversa que se designava por ‘Partido dos Eunucos’.”<sup>40</sup>

O sistema de exames, na óptica de Semedo, era idealizado e imparcial. Mas a verdade é que, à medida que o sistema feudal ia gradualmente caindo, a corrupção era cada vez maior no governo de Ming. No último período desta, o sistema de exames tornou-se bastante rígido, particularmente com o aparecimento do sistema de selecção de mandarins letrados apenas através do *baguwen* 八股文.<sup>41</sup> Iniciado nos finais do século xv, inibiu gravemente o pensamento e a criatividade, embotando as capacidades dos examinandos e impedindo naturalmente o desenvolvimento da sociedade.

O sistema de exames da China imperial, que se prolongou por 1300 anos, contribuiu imenso para o desenvolvimento cultural na China durante as dinastias Tang e Song, promovendo o progresso político e social. Embora as críticas tenham começado logo na altura do seu nascimento, vieram a esmorecer com o passar do tempo. Foi durante as dinastias Ming e Qing que este sistema de exames alcançou o seu apogeu, tornando-se um dos sistemas políticos mais amplos e predominantes na sociedade. Simultaneamente, porém, a sua influência negativa e os abusos praticados atingiram também uma gravidade sem precedentes, sendo vigorosamente censurado e criticado pela sociedade.

Por que motivo Álvaro Semedo teve uma visão francamente positiva, favorável e idealizada do sistema

de exames da China imperial e da administração chinesa? As respostas a esta questão podem ser várias:

- Todos os lugares que Semedo conheceu, como Cantão, Hangzhou, Pequim e Nanquim, eram cidades metropolitanas, capitais ou cidades litorais prósperas. Concluiu, então, que toda a China era tão próspera e desenvolvida como estas cidades, o que o levou a elogiar os imperadores e mandarins chineses por bem governarem e administrarem o país, salientando que estes últimos eram seleccionados através dos exames imperiais.

- Ao chegar à China, Semedo ficou impressionado com a vastidão do território do Império e com a grandeza da sua população, o que o levou a escrever que a China era “um reino, único em grandeza e quase igual a toda a Europa”,<sup>42</sup> provocando nos europeus, e sobretudo nos portugueses, uma sensação de pequenez. No fim de contas, Portugal tinha um território bem menor do que o de uma província chinesa.

- Antes da chegada de Semedo à China, poucas informações sobre esta tinham chegado à Europa, de forma que a imagem europeia deste império oriental afastado era ainda muito incerta. Semedo descobriu que a China era um império muito poderoso e próspero, especialmente no aspecto cultural, ficando espantado e agradado pela civilização chinesa que tinha uma história muito mais longa do que a da civilização cristã.

- Dado na Europa, onde predominava a hereditariedade do poder e dos títulos, não haver ainda exames para selecção da elite social e governativa, Semedo ficou totalmente admirado com a imparcialidade do sistema chinês.

- Semedo chegou à China como um missionário para difundir a religião cristã. Transmitiu uma imagem favorável e ideal deste império para poder obter um mais amplo apoio da Europa para a difusão do cristianismo neste Império.

Em jeito de balanço global, a pintura que Álvaro Semedo apresenta da cultura chinesa excede em muito a dos seus antecedentes, muito contribuindo para a formação de uma imagem correcta da China na Europa. A sua descrição informada do sistema dos exames na China imperial e da política de recrutamento de mandarins letrados aprofundou nos europeus os conhecimentos da cultura chinesa, não deixando de em certa medida contribuir para o estabelecimento do sistema de exames e de letrados na Europa nos séculos xviii e xix. **RC**

## NOTAS

- 1 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*. Trad. de Luís Gonzaga Gomes. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude/Fundação Macau, 1994, p. 83.
- 2 *Ibidem*, p. 81.
- 3 *Beishu*, decorar de costas voltadas para o livro.
- 4 Os Quatro Livros são: *Daxue* 大学 (O Grande Ensino), *Zhongyong* 中庸 (Harmonia Perfeita), *Lunyu* 论语 (Analectos), *Mengzi* 孟子 (Mêncio).
- 5 Os Cinco Clássicos são: *Yijing* 易经 (Livro das Mutações), *Shujing* 书经 (Livro de História), *Shijing* 诗经 (Livro das Odes), *Liji* 礼记 (Livro de Ritos), *Chunqiu* 春秋 (Anais da Primavera e do Outono).
- 6 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 89.
- 7 Citado do *Texto de Aconselhar a Estudar*, de Song Zhenzong, o terceiro imperador da dinastia Song do Norte.
- 8 *Xiucui*, o que era aprovado no exame distrital, bacharel.
- 9 *Juren*, o que era aprovado no exame provincial, licenciado.
- 10 *Jinshi*, o que era aprovado no exame metropolitano, doutor.
- 11 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 87.
- 12 *Xiangshi*, o exame provincial.
- 13 *Gongyuan*, lugar onde se realizava o exame provincial.
- 14 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 92.
- 15 *Ibidem*, p. 93.
- 16 *Ibidem*, p. 95.
- 17 *Ibidem*.
- 18 Wu Jinzi 吴敬梓, *Rulin Waishi* 儒林外史 (História dos Literatos), p. 47
- 19 *Ibidem*, p. 168
- 20 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 87.
- 21 *Ibidem*.
- 22 *Ibidem*, p. 264.
- 23 *Ibidem*, p. 103.
- 24 *Ibidem*.
- 25 *Ibidem*, p. 222.
- 26 *Ibidem*.
- 27 *Ibidem*.
- 28 *Ibidem*, p. 95
- 29 Yao, Shun e Yu, os Três Augustos, conhecidos também como os Três Soberanos, são considerados reis-deuses ou semi-deuses.
- 30 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 196.
- 31 Hongwu, o primeiro imperador da dinastia Ming.
- 32 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 197.
- 33 *Ibidem*, p. 198.
- 34 *Ibidem*, p. 200.
- 35 *Ibidem*, p. 198.
- 36 *Ibidem*, p. 197-198.
- 37 Zhang Juzheng 张居正 (1525-1582), político da dinastia Ming, primeiro-ministro durante o reinado de Wanli e real governante durante a infância do imperador.
- 38 Xiao Shaoqiu 萧少秋, *Zhang Juzheng Gaige* 张居正改革 (A Reforma de Zhang Juzheng). Beijing: Qiushi chubanshe, 1987, p. 225.
- 39 Wei Zhongxian (1568-1627), eunuco da dinastia Ming. Entrou na corte no reinado de Wanli. Depois da subida ao trono de Xizong (1605-1627) tomou o poder, conluindo-se com Ke Shi 客氏, ama de leite do imperador.
- 40 Lou Zengquan 娄曾泉, Yan Zhangpao 颜章炮, *Mingchao Shihua* 明朝史话 (Sobre a História da Dinastia Ming), p. 197.
- 41 “Prosa de oito pernas”. Princípio segundo o qual um texto deveria compreender oito secções ou “pernas”.
- 42 Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 23